

Evaldo Muñoz Braz

Manifesto Gaúcho



MARTINS LIVREIRO - EDITOR

"Muita gente anda no mundo sem saber para quê. Vivem porque vêem os outros viverem" dizia o velho vaqueano Blau Nunes de Simões Lopes Neto. Preocupado com os caminhos das novas gerações de riograndenses, Muñoz Braz faz uma pesquisa em fontes insuspeitas, pois, em suas palavras, "estavam lá", sobre muitas das origens das qualidades atribuídas ao gaúcho histórico.

Opondo-se à corrente atual que prefere posar de imparcial, afetando cosmopolitismo, mas na verdade, como auto promoção ataca cegamente a figura antropológica do gaúcho como um todo, o autor defende a imagem do gaúcho como vital à manutenção de nossa identidade cultural contra a pasteurização globalizante.

Numa seleção de fontes históricas, o autor de forma atraente nos relembra que muitos dos epítetos do gaúcho não são criação de romancistas de maneira pré-elaborada, nos mostra a índole rebelde do gaúcho e entre outras que o processo de atração pela tradição gaúcha de comunidades ou diferentes etnias foi de forma natural.

Este pequeno livro nos ensina a ler nas entrelinhas e interpretar corretamente os antigos viajantes, em sua maioria cientistas, que por aqui passaram. Como forma de resgate, síntese e estímulo a pesquisas, deve ser lido sem dúvida por políticos, comunicadores, estudantes, universitários, distanciados muitas vezes da cultura gaúcha e que de vez em quando se perguntam ao escutar uma música regional o que aquilo significa, e o que ele próprio significa ao afirmar que é gaúcho.

A Editora Martins Livreiro, sempre disposta em apoiar a nossa cultura orgulha-se em apoiar mais este trabalho.

MARTINS LIVREIRO EDITOR

© Evaldo Muñoz Braz

**BRAZ, Evaldo Muñoz, 1952 -
Manifesto gaúcho / por / Evaldo
Muñoz Braz; Porto Alegre, Martins Livreiro,
2000
60p. 12,5x19cm**

**1 : Gaúcho : Identidade cultural. 2.
Estética : Gaúcho. 3. Ideologia :
Gauchismo. 4. Gaúcho : Filosofia. 5. Mito
: Gaúcho. 6. Gaúcho : Evolução histórica.
7. Gaúcho : Etnografia. 8. Gaúcho
Etimologia. 9. Ética : Gaúcho. 10.
Gauchismo : Movimentos libertários. 11.
Gaúcho : Literatura.**

CDU 398 (8-6)

Catálogo elaborado pela Biblioteca Pública do Estado

**Capa: João A. Chicon
Diagramação: Elisabete Ferrás Leitão
Fotolitos e impressão: EVANGRAF
Digitalização: Koppe**

**Atendemos pelo reembolso postal
MARTINS LIVREIRO - EDITOR
Rua Riachuelo, 1279 (fundos)
Fone e Fax: (051) 224.4798 - Fone 228.7552 - Porto Alegre - RS
Internet: <http://www.paginadogaúcho.com.br/martins>
e-mail: martins@paginadogaúcho.com.br**

SUMÁRIO

1. A versão dos NOUVEAUX doutores historiadores e o gaúcho histórico	05
2. Diferentes gaúchos	09
3. Comunidades gaúchas	13
4. Desprezo pela imagem do gaúcho	15
5. Mitos dos novos pesquisadores	
<i>Sobre a literatura</i>	17
<i>Sobre o acriollamento de diversas etnias..</i>	17
<i>Sobre a utilização da imagem do gaúcho ..</i>	18
6. Revisão apressada	20
7. Passado recuperado - A Divina Pastora	23
8. Conclusão	25
9. Bibliografia	27

Dedico estas notas ao Historiador Ivo Caggiani;

Aos meus Pais, Gil e Beatriz Braz;

Aos meus filhos Lucas e Mateus, no começo, e a todos campeiros, ginetes, payadores e músicos gaúchos que são os responsáveis por manter viva a tradição do Pampa até hoje.

MANIFESTO GAÚCHO

*"Em vão me repeti que um homem açoitado por um ato de covardia é mais complexo (...) que um homem meramente corajoso. O gaúcho Martin Fierro, pensei, é menos memorável que Lord Jim ou Razumov. Sim, mas Damián, como gaúcho, tinha obrigação de ser Martin Fierro."
J. L. Borges. A outra morte (O Aleph).*

1. A VERSÃO DOS NOUVEAUX DOUTORES HISTORIADORES E O GAÚCHO HISTÓRICO

Primeiro é necessário definir o espaço do gaúcho: "*Gaúcho, nombre dado a los vaqueros de las pampas de Argentina, Uruguay y sur de Brasil (Rio Grande do Sul), jinetes hábiles e intrépidos.*"

A versão atual dos *nouveaux* pesquisadores/historiadores coloca tanto os gaúchos de antanho como os posteriores à segunda metade do século XIX como homens miseráveis, solitários e tristes, com indumentária vestida ao acaso, bóias frias daqueles tempos. Sem dúvida muito disto ocorreu, mas devido a sistemas políticos nos quais o gaúcho jamais poderia se adequar e que o remeteram imediatamente à rebeldia. Mas na verdade o principal flagelo do gaúcho tem sido os próprios pesquisadores que, na busca do gaúcho histórico, procuram depreciá-lo ao máximo.

Os epítetos atuais do gaúcho são por este tipo de historiadores considerados fantasiosos, tais como liberdade, orgulho guerreiro, coragem e rude ética. Quem lá esteve parece ter outra opinião. Isto salta aos olhos em seus livros de viagem. Nossos *nouveau* historiadores preferem recriar uma nova história supondo estarem utilizando critérios científicos. Critérios estes de antemão definidos pelos *nouveaux* orientadores de tese. Com aquele maravilhoso estoque de frases e pressupostos a requintadas teses, tais como como *imaginário, ontológico, etc.*

Em *Purple Land* (1885), segundo Borges, a mais completa literatura gauchesca, e fundamentalmente *criolla*, William Henry Hudson nos dá esta opinião: "(o gaúcho da Banda Oriental) *possui uma liberdade que seria difícil encontrar em qualquer outra parte do globo. O próprio beduíno não é tão livre, pois rende uma supersticiosa reverência a seu xeique.*" Deve ser recordado que Hudson estava lá no final do século passado. Esta informação é no mínimo interessante recordar, porque contradiz os historiadores atuais que dizem fazer parte de nosso imaginário. Mais adiante veremos que a "revisão" atropelada tem caminhado na direção de erros absurdos que transformarão o gaúcho, seguindo neste andar, em um tipo semelhante ao caipira que tanto preocupava Monteiro Lobato.

Charles Darwin em sua viagem no Beagle, quando na Bacia do Prata, encontrou gaúchos e o espanto da descrição é eloqüente: "*Nunca vi pessoas mais orgulhosas de seu trabalho, uma atividade tão simples*". Para um inglês burguês era estranho ver pessoas sem posses com orgulho, isto fica claro em seu modo de se expressar. Esta, talvez, a diferença entre nosso tipo regional e o de outros lugares. Depois, Darwin iria narrar espantado e em detalhes as habilidades do gaúcho nos afazeres campeiros considerando-o único em algumas façanhas.

Para falarmos aqui do Rio Grande, Schweidson, descreve perfeitamente a surpresa dos primeiros colonos judeus que chegavam da Rússia e se instalavam em Filipson em Santa Maria no século passado: "*Observaram com vivo interesse, que os gaúchos, mesmo apeados, desassociados dos voluntariosos cavalos, conservavam ainda assim uma indiscutível altivez e imponência, dando realce à firmeza e decisão dos passos, o rilhar metálico das esporas.*" Depois, Schweidson mostra como, pouco a pouco, os colonos iam sendo atraídos pelos costumes locais e aos poucos, tornavam-se também, para seu orgulho, gaúchos.

Saint-Hilaire (início do século passado, livro *Viagem Ao Rio Grande Do Sul*) dá esta descrição que mencionada agora, parece fanfarronada:

"- Chamou-me a atenção, desde minha entrada nessa Capitania, o ar de liberdade de todos que tenho encontrado e a destreza de seus gestos, livres da languidez que caracteriza os habitantes do interior do país. Seus movimentos têm mais vivacidade e há menos afabilidade em suas maneiras. Em uma palavra: são mais homens."

É interessante reler um trecho da carta que Garibaldi escreveu em Mantua (talvez trinta anos após a Guerra dos Farrapos), na Itália, ao combatente farrapo Domingos José de Almeida:

"Este passado da minha vida no Rio Grande se imprime em minha memória como algo de sobrenatural, de mágico, de verdadeiramente romântico. Eu vi corpos de tropa mais numerosos, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes do que os da bela cavalaria rio-grandense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo e a combater dignamente pela causa das gentes. Onde estão agora esses belicosos filhos do continente, tão majestosamente terríveis nos combates? (...) Ó! Quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros, avezados a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como se fosse uma ponta de gado?"

O escritor alemão Karl May, buscando material para suas novelas, tinha excelentes compilações de relatos de pesquisadores e historiadores que estiveram nos pampas da América do Sul por volta de 1850. Nelas ele informa que *"Todos os gaúchos têm a soberba dos antigos espanhóis e, em consequência das particularidades da vida que levam, são geralmente apaixonados amantes da liberdade. Cada qual julga-se um caballero (no sentido de cavaleiro) e trata o próximo com a mais requintada cortesia, a fim de ser pelos outros tratado do mesmo modo. Ao mais pobre-diabo e mesmo aos mendigos, tratam com senhoria. O estrangeiro que supõe poder tratar um gaúcho com desdém por se julgar mais rico ou mais importante, cedo ou tarde se arrependerá. O desprezo manifestado costuma ser castigado com uma boa dose de grosseria, e se esta não produz resultado, será desventrado à faca. Uma vez porém que se trate o gaúcho de modo igualitário, ter-se-à nele, em pouco tempo, o mais fiel e dedicado dos amigos. Merece particular menção sua insuperável honestidade. Do mesmo modo que nunca fecha a porta de seu rancho, nunca se lembra de roubar. Se acha algum objeto perdido, devolve-o infalivelmente caso encontre o legítimo dono. É conhecido o relato de um gaúcho extremamente pobre que, encontrando um relógio de algibeira, viajou dois dias para devolver o objeto achado. Quando o viajante que era um estrangeiro, quis lhe dar uma gratificação em dinheiro, pegou da quantia ofertada e lançou-a, ofendido aos pés do ofertante, ao qual deu as costas voltando para sua casa"*.

Saint-Hilaire (1822) nos dá mais uma vez uma idéia desta ética rudimentar (confirmando a informação acima), nos arredores do povoamento de San José: *"Um dos soldados teve que pedir bois emprestados na vizinhança; estes foram trazidos por um gaúcho que os ajudou a atrelar e nos deu conselhos muito úteis. Quando já tínhamos saído da dificuldade, quis recompensá-lo, mas, enquanto eu procurava uma moeda, o homem desapareceu com os bois. Entre nós (europeus), numa circunstância como essa, um homem de classe inferior ficaria esperando que lhe dessem uma retribuição, e ele a teria pedido, se houvesse demora em oferecê-la."*

Com relação às atividades campeiras, Sarmiento em 1845 ou Gonçalves (1984) dizem praticamente a mesma coisa quando se trata da atividade chamada *marcação*, isso considerando que são passados entre uma e outra observação quase 140 anos. O primeiro diz que se trata da festa máxima do gaúcho e que este a recebe com júbilo, onde ostentarão sua incrível destreza no laço. Gonçalves diz: "*A marcação continua sendo entre nós um serviço tradicional, de juntamente da vizinhança e regozijo da peonada. (...) Ali tudo é feito por amor à tradição, nada de pagar alguém, seria uma afronta.*" Mas basta ir a campo para se verificar isto hoje em dia e obter dos próprios campeiros esta afirmativa. Nesta festa sobrevive o espírito do gaúcho.

Talvez o traço que mais defina o gaúcho é sua habilidade no cavalo. Willian Cody (Buffalo Bill), desejando apresentar a coleção dos melhores cavaleiros do mundo em seu circo eqüestre no final do século XIX, tinha em sua *troupe* cossacos, cowboys, lanceiros ingleses, cavaleiros do Buskashi, e claro, *gaúchos*. Ele não tirou isto de sua cabeça. O senso comum sobre esta habilidade é antiga. Walt Whitman em seu monumental poema, *Leaves of Grass* (1855) faz menção ao gaúcho: "*- Vejo o gaúcho que cruza a planície, vejo o incomparável ginete de cavalos com o laço na mão, vejo sobre os pampas a perseguição na região inóspita*". Quem lhe terá narrado estes prodígios? Por certo não foi o Paixão Côrtes.

Edward Montet, em *Brasil e Argentina: Notas e Impressões de Viagem* em 1896 diz: "*Mas não podeis julgar o gaúcho quando está à pé, é necessário vê-lo em seus rápidos cruzeiros pampeanos, que não conhecem outra maneira que o galope. Então ele é verdadeiramente admirável.*"

O capitão Head da marinha inglesa (que esteve no Prata) diz no início do século XIX que o "*Gaúcho vive de privações, mas seu luxo é a liberdade. Fiel a uma independência sem limites, seus sentimentos são selvagens como sua vida, são portanto nobres e bons.*"

Paul Rivet (o importante antropólogo francês do século passado, fundador do Museu do Homem e estudioso dos povos da América Latina) levantou uma publicação de 1833, do jornal "Le National", Paris, com várias informações sobre o gaúcho, entre as quais:

"Sua fala é enérgica, rápida e irregular, falam com fogosidade e grande facilidade; são imaginativos, de espírito vivaz e apaixonados. Entre eles, quem sabe montar, laçar, atirar a boleadeira e manejar uma faca, está completo. (...) são improvisadores, vivendo as expensas das inextinguíveis tropas de gado cuja carne é a base de sua alimentação. Muitos jamais comeram pão. Sua calma habitual cede lugar a um ardor indomável quando o fogo de suas paixões se acende, o que não é raro. O sentido de independência e amor a pátria, por exemplo se manifestaram mais de uma vez entre estas gentes grosseiras de alma heróica. Quando estoura uma guerra, este povo pastoril e pacífico se volve, de golpe, em um exército de terríveis guerreiros. Seu gosto pelo baile e música mostra igualmente, que sua sensibilidade é susceptível de grande exaltação. O Gaucho é bravo por temperamento, mas sua bravura é animal. (...) São capazes (...) dos mais formosos atos de devoção e sacrifício pessoal pela causa que abraçaram. (...)"

A descrição acima recolhida por Rivet parece mais os gaúchos de Hudson que os boçais que nos querem fazer crer os novos historiadores riograndenses. Ou antes, na busca do gaúcho histórico feita em teses atuais, parece não ter ocorrido verdadeiro empenho do resgate de uma verdadeira descrição comportamental do gaúcho primitivo, talvez no afã de ridicularizá-lo *a priori*, demonstrando assim fraca metodologia científica de pesquisa.

Como alguém mencionou, Marx dizia "aprender mais sobre questões sociais com a literatura de Balzac", podemos nos arriscar a citar também os gaúchos (brutais é verdade) felizes de *Correr Eguada* de Simões Lopes Neto. Neste conto existe menção a um tempo anterior, com mais liberdade.

Alguém dirá que isto tudo acima são opiniões de estrangeiros em terra estranha. Mas Darwin, Hudson, Rivet e Saint-Hilaire e tantos outros viajantes (que não mencionamos) que por aqui estiveram, eram metódicos cientistas, mais abalizados que nossos historiadores de escritório que talvez jamais tenham se dado ao trabalho de entabular qualquer tipo de conversação com nossos tipos rurais.

Ora, o que quero enfatizar é que o gaúcho de antigamente foi um tipo bem acabado, com música, dança, indumentária e conduta (para o bem ou para o mal) próprias. Talvez diferenciadas das que hoje são feitas em seu nome. Mas era reconhecido em todo mundo. Várias pinturas da época mostram certa estética. Quadros ou desenhos de Ravenet, Bacle, Pellegrini, Pallieri, Agujari entre muitos outros. Quando isto já está claramente definido na repetição de várias imagens destes repórteres silenciosos do pampa, há quantas dezenas de anos já não serão um padrão? Em todo caso, para Borges, a pobreza do gaúcho teve um luxo: a coragem. E a coragem (no fim de tudo) é também uma forma de estética.

2. DIFERENTES GAÚCHOS

Como é moda atacar a figura do gaúcho, ataca-se tudo de forma cega. Faz-se menção a um tipo de gaúcho de um tempo e ataca-se o de outro confusamente. Ataca-se uma e outra variante do gaúcho. Separa-se o riograndense do gaúcho em seguida ataca-se o riograndense visando ferir o gaúcho. Depois tenta-se destruir a musica gaúcha de agora e a de antigamente. Tudo enfim que possa ter algum tipo de ligação, por mais tênue que possa ter, com o gaúcho.

Primeiro é preciso frisar que grande parte da informação que temos é pós meados do século XIX. Neste momento, com novas formas de criação de gado e divisão dos campos, já aí aparecendo a figura do campeiro (vamos utilizar este termo) que se emprega nas fazendas de modo mais natural. É a primeira transformação que o gaúcho sofre.

Na origem deve ser lembrado, os índios de várias tribos (charruas e minuanos entre outras) que logo se adaptaram ao cavalo. A miscigenação do europeu com o índio. A escolha do abandono da civilização pelos *mozos perdidos* sendo o primeiro registro em 1617 (Flores, 1988), já com chiripá, poncho e bota de garrão de potro (tendo esta indumentária uma evolução gradual e natural até por volta de 1865 tendo se estabilizado relativamente até agora para Fagundes (1977). E há as atitudes e comportamentos do gaúcho que tem origem no índio. Barbosa Lessa recolhe esta informação do jesuíta austríaco Anton Sepp (por volta de 1690) ao encontrar índios na Banda dos Charruas:

"(...) um deles (índio) pediu apenas um pouquinho de uma erva paraguaia que não é outra coisa senão as folhas secas de determinada árvore, moídas em pó. Esse pó os índios deitam na água e dele bebem, e isso deve ser extremamente saudável. (...) Impossível dizer a perícia e rapidez com que os índios pegam uma rês, derrubam-na, tiram-lhe o couro e esquartejam!"

E a boleadeira, que é anterior ao cavalo? Fagundes (1977) nota o interessante registro de Saldanha (em 1786): o uso da faca as costas, exatamente como os gaúchos até hoje fazem. Índios, vagabundos do campo, changadores, gaudérios. Em que momento começa a existência do gaúcho? É impossível passar a faca sobre este variado *over lap* e separar as partes cirurgicamente.

O Facundo de Sarmiento (1845), mostra algumas variantes, entre as muitas, do gaúcho, tais como o gaúcho rastreador, o vaqueano, *gaucho malo* (uma das variações do gaúcho platino, à margem da lei, aventureiro), o cantador ou repentista. Também devem ser considerados o peão tigrero (Argentina), o tropeiro, o carreteiro, o nosso tão estimado campeiro, etc. Além disso, (ou anterior a isto) temporalmente deve-se separar o gaúcho primitivo do que vive necessariamente dependente da fazenda.

É interessante verificar as descrições de Sarmiento em *Facundo*, de dois destes personagens pelo menos, para se ter idéia que estas especialidades não são apreendidas da noite para o dia, mas sim assimiladas por anos a fio e principalmente através de gerações:

"El rastreador es un personaje grave, conspicuo, cuyas aseveraciones hasta hacen fe en los tribunales inferiores. Todos lo tratan con consideración, el pobre porque puede hacerle mal, calumniándolo, el propietario, porque su testimonio puede fallarle. Un robo se ha ejecutado durante la noche; no bien se nota, correu en busca de una pisada del ladrón, y encontrada, se cobre con algo para que el viento no la disipe, Se llama enseguida al Rastreador que ve el rastro y lo sigue sin mirar sino tarde en tarde el suelo, como si sus ojos vieran de relieve estas pisadas que para otro, es imperceptible. Sigue el curso de las calles, atraviesa huertos, entra en una casa y señalando a un hombre dice: ¡Este es!. El delito está probado y raro es el delincuente que resiste la acusación. Para él, más que para el juez, es la evidencia misma; negarla seria ridículo...

¡Qué misterio es éste del rastreador?

¡Qué poder microscópico se desenvuelve en el órgano de la vista de ecos hombres?

¡Cuán sublime criatura es la que Dios hizo a su imagen y semejanza!"

Mais adelante Sarmiento continua, abordando as qualificações do gaúcho vaqueano:

"Después del Rastreador viene el Baqueano, personaje eminente y que tiene en sus manos la suerte de los particulares y de las provincias. Es un gaúcho grave y reservado, que conoce a palmos veinte mil leguas cuadradas de llanuras, bosques y montañas. Es el topógrafo más completo, es el único mapa que lleva un general para dirigir los movimientos de su campana.

El sabe el vado oculto que tiene un río más arriba o más abajo del paso ordinario, y esto en cien ríos o arroyos; él conoce en los ciénagos extensos un sendero por donde pueden ser atravesados sin inconveniente, y esto en cien ciénagos distintos.

En lo más oscuro de la noche, en medio de los bosques o en llanuras sin límites perdidos sus compañeros, da una vuelta en círculo de ellos, observa los árboles, si los hay, se desmonta, se inclina a tierra, examina algunos matorrales y se orienta de la altura en que se halla, monta enseguida, y les dice para asegurarlos: "Estamos en dereceras de tal lugar, a tantas leguas de las habitaciones; el camino ha de ir al sur" y se dirige había el rumbo que señala, tranquilo, sin prisa y sin responder a las objeciones que el temor o la fascinación sugiere de los otros. Si aún esto no basta, entonces arranca pastos de varios puntos, huele la raíz y la tierra, la masca y, después de repetir este procedimiento varias veces, se cerciora de la proximidad de algún lago, arroyo salado o dulce, y cale en su busca para orientarse fijamente.

Anuncia también la posibilidad del enemigo, esto es a diez leguas y el rumbo por donde se acerca, por medio del movimiento de las avestruces, gamos y guanacos que huyen a cierta dirección. . Coando se aproxima observa los polvos, y por su espesor, cuenta la fuerza: "Son mil hombres" - dice - "quinientos", y el jefe obra con este dato que, casi siempre es infalible. Si los cóndores y cuervos revolotean en círculo, el sabrá si hay gente escondida, o un campamento recién abandonado, o simplemente un animal muerto."

Se acima tivéssemos reproduzido palavras de Oliveira Belo sobre o vaqueano escritas por volta de 1877 no romance *Os Farrapos*, pouco mudaria o texto.

Vale a pena também observar estas notas recolhidas por Puccio (1998) sobre o *payador* para entender mais o universo do gaúcho:

"El Payador no se confunde con el simple guitarrero, ni con el cantor que no compone, ni con el improvisador que no canta ni sostiene el duelo poético, ni con el compositor por encargo.

Es por lo común gaucho errante, que no participa de la vida familiar regular. Rinde culto a la amistad y respeta en los hombres el valor, que él mismo demuestra no rehuyendo duelos y desafíos.

Luce sus condiciones de jinete en las yerras, como invitado o comedido, pero nunca como peón asalariado.

El ser payador reputado implica la posesión de condiciones intelectuales adecuadas, como facilidad de invención, ingenio, memoria, agilidad mental, inspiración poética; combinadas con éstas. Se añaden, claro está, las cultivadas; ejecución de la guitarra, propiedad en el ritmo, riqueza en la rima, acierto en la metáfora, variedad en la adjetivación.

El encuentro de los rivales podía ser casual, pero por lo común respondía a desafíos buscados por uno de ellos o por ambos."

Güiraldes em seu romance *Don Segundo Sombra* mostra a lenta transformação do gaúcho em outras atividades que ainda assim o mantém essencialmente gaúcho. Mas o próprio Don Segundo Sombra, por exemplo, já não é mais o gaúcho de antanho. Na verdade, é uma variante também, pois é um tropeiro e já dá mostras de estar se adaptando ao novo sistema.

No entanto, segundo Borges, a admiração, mesmo entre as diferentes espécies de gaúcho recai sobre o *gaucho malo*. Isto, é lógico na campanha argentina: "Os veteranos de Bartolomé Hidalgo", os gaúchos do Rio da Prata, que Hilário Ascasubi exaltou e os espirituosos charladores que recriam a história de Fausto, assim como o tropeiro Don Segundo Sombra, não são menos reais que os rebeldes glorificados por Gutiérrez. Entretanto é natural ou inevitável que a imaginação eleja o *gaucho malo* e não os gaúchos da força policial que andavam a sua procura. Atrai-nos o rebelde, o indivíduo, pelo menos inculto ou criminoso, que se opõe ao Estado. É necessário dizer que o fenômeno é localizado na Argentina e talvez Uruguay. Veremos mais tarde que no Brasil essa admiração não acontece, pelo menos oficialmente.

Cabe neste momento colocar um ligeiro parênteses para questionar o epíteto de ladrão para o gaúcho emitido facilmente pelos pesquisadores. Ora, logo na época do gado chimarrão, onde para Dante de Moraes (1959) não se sabe definir quem rouba quem, pois a par das leis injustas, as áreas de propriedade são determinadas arbitrariamente assim como a posse do gado e muitas vezes até uma nação se apossa do gado de outra, ao sabor das guerras e fronteiras. Assunção (1969) afirma que o gaúcho não foi nem nunca poderia ter sido um marginal, mantidas as condições originais de gado vacum chimarrão. Quando estas situações cambiam, ele reage. Finalmente Rodriguez Molas (1994) nos coloca com todas as palavras que o que havia verdadeiramente era um "*enfrentamiento de grupos sociais*" e muito importante, "*uma reação para evitar que não se dissolva esta ordem de dominação estabelecida*". Amaral (1988) ao avaliar os trabalhos do romancista Benito Lynch parece analisar muitos críticos atuais do gaúcho: "*Tomando o gaúcho pelo prisma do capitalista senhor de grandes fazendas, Benito Lynch trata-o como marginal (...)*".

Voltando a análise da galeria de tipos gaúchos, nos dias de hoje, no interior riograndense talvez ainda se encontre algum Antônio Pala, descrito com perfeição por Darcy Azambuja, no conto o Andarengo (1920). Note-se bem, existe um fio direto de ligação entre Antônio Pala e Don Segundo Sombra. Mas estes sem dúvida já estão distantes do gaúcho de antanho. Entretanto separá-los também fica difícil.

Mais complexa ainda, mas necessário complementar é a figura do caudilho gaúcho. Muitos pesquisadores separam o *caudilho gaúcho* do gaúcho mas a seguir, distraídos, atacam o caudilho aceitando-o como gaúcho. Depois atacam os movimentos/guerras que envolvam o gaúcho.

Para o uruguaio Assunção, esta relação caudilho/gaúcho, pode ser assim explicada: o credo do caudilho "*traduce el sentir del pueblo, particularmente de su pueblo rural, e éste o sigue, fielmente (...)*." Tem que se ter olhos do tempo em que as coisas acontecem. É interessante pensar na afirmação de Borges no prólogo de *Facundo* de Sarmiento que "*os colonos e os operários substituíram o gaúcho, mas a barbárie não está apenas no campo. Mas agora também nas cidades e o eventual demagogo substitui o antigo caudilho.*".

Zun Felde diz: "*Donde aparece un caudillo es que hay un pueblo que responde. (...) el caudillo representa en sud-America el principio de autonomia.*"

Deixemos para outra vez esta difícil questão com relação ao caudilho e o gaúcho. Sempre olhando do prisma atual os historiadores alucinam com ela. Teriam que ver a origem de cada um e suas mútuas influências. Admitir que muitos tinham marcada influência gaúcha. Trabalhar com as *guerras gauchas* e ver contra quem se dirigiam. Chegariam ao ponto de ver que eram legitimamente (sul) americanas e contra o interesse econômico de setores estrangeiros. Estes setores, como bem coloca Amaral (1988) queriam manter a América Meridional infinitamente sob o mesmo regime colonialista no tempo dos vice-reis e eram auxiliados por uma elite intelectual europeizada, e nesse momento acham conveniente realizar uma *limpeza criolla* (principalmente acabar com o gaúcho). É Sarmiento que diz em carta a Mitre: "*No trate de economizar sangre de gaúcho. (...)*".

3. COMUNIDADES GAÚCHAS

Os historiadores citam o gaúcho como se ele brotasse espontaneamente, sem família ou uma estrutura social a sua volta, como um indivíduo completamente isolado. Como se ele surgisse na forma adulta em que seus atos correspondessem apenas a uma profissão ocasional. Sem em nada influir ou se deixar influenciar. Ora, tentar isolar o gaúcho (como grupo social) das populações que ele influenciou (e/ou se originou) é estupidez em sua forma mais clara.

Assunção (1969) critica duramente a divisão (feita pelo que ele chama "inquisidores do gaúcho") em diversos grupos e compartimentos estanques. Em sua opinião, muitas das diferentes categorias são na verdade pessoas que pensam igual, se vestem igual, sendo as variações de posição muitas vezes circunstanciais.

As compilações de May falam das crianças gaúchas *"com pouco mais de dois anos de idade, saírem montadas, a galope, campo afora."*

Sarmiento em *Facundo* (1845) diz que na organização social do gaúcho, as mulheres guardam a casa, preparam a comida, ordenham as vacas, fabricam queijo e tecem os tecidos grosseiros que vestem. Todas as tarefas domésticas são exercidas pela mulher. Os meninos, continua Sarmiento, *"exercitam suas forças e se adestram por prazer no manejo do laço e boleadeiras com que molestam e perseguem sem descanso os terneiros e cabras; quando são ginetes, e isto acontece logo que apreendem a caminhar, servem a cavalo em pequenos afazeres; mais tarde quando fortes, recorrem os campos caindo e levantando, rodando ao acaso dos biscates (...)* adestrando-se no manejo do cavalo; quando a puberdade assoma, se consagram em domar potros selvagens e a morte é o castigo menor que os aguarda se em um momento lhes falta forças ou a coragem. (...) *Aquí, diria, principia a vida pública do gaúcho, pois sua educação está terminada"*.

O Conde d'Eu tenta separar mas por vezes confunde os termos riograndense e gaúcho. Saint-Hilaire (1820) separa, mas no texto ele parece ter dificuldade de separar os costumes dos gaúchos dos costumes dos riograndenses.

No documento levantado por Rivet, nas narrativas de Hudson e outros viajantes no Brasil, esta diferença não é feita (gaúcho e homem do campo), pois a partir de determinado momento passa a não existir mais. Ao contrário, é narrado sua forma de habitação, composição familiar, envolvimento com conspirações e revoluções. Talvez os diferentes grupos passem a se influenciar mutuamente (ou nunca existiram verdadeiramente de forma separada). Passam a existir então, as "comunidades gaúchas". Os viajantes da época têm dificuldade de separar verdadeiramente o comportamental dos gaúchos das populações que o engendraram (pelo menos de forma clara). Só nossos historiadores atuais o fazem. Aliás, Dreys comete este equívoco sem saber que na verdade o que se está presenciando não é nada mais do que o processo de agauchamento e troca dos habitantes da área rural.

Saint-Hilaire resolve a questão sem o saber. Em visita a uma estância na campanha riograndense analisa um estancieiro da região: *"Eis um homem que apenas se nutre de carne, mora em um mísero rancho e não tem outro prazer além do fumo e do mate, e é oficial de milícia. Limita suas habilidades a saber montar a cavalo. Mostra-se muito satisfeito; mas é de esperar que uma tal existência deva reconduzir necessariamente a barbárie"* (Saint-Hilaire jamais imaginaria que seria a cidade que nos conduziria a total barbárie).

Saint-Hilaire conclui, resolvendo a questão que muitos historiadores atuais ainda não resolveram: "*Sou tentado a acreditar que esse homem, apesar de ser branco, pertence aos habitantes dessa região que tem costumes semelhantes aos garuchos (corruptela da palavra gaúcho) (...)*".

Outra informação de Saint-Hilaire que confirma esta interação é a sobre a Capela do Alegrete, onde os habitantes consomem pequenas quantidades de lavoura, assim mesmo comprada de outros locais. Não produzem lavoura por terem quase os "*mesmos hábitos dos garuchos*". Quer dizer, esta capela é uma comunidade gaúcha. Provavelmente isto valia também para outras comunidades do Rio Grande e principalmente para a zona da Campanha na época.

4. DESPREZO PELA IMAGEM DO GAÚCHO

O *gaúcho*, o "*incomparável ginete*" de Walt Whitman, o "*Hijo de algún confín de la llanura*" de Borges, o "*Centauro dos pampas*" de Alexandre Dumas (com os olhos de Garibaldi) infelizmente no Brasil, melhor dizendo no Rio Grande do Sul, não teve a mesma sorte e prestígio que seu homônimo na Argentina e Uruguai ou do *cowboy* e do *tártaro* em suas respectivas regiões de origem.

Durante este século, e talvez um pouco antes, o gaúcho sofreu (e ainda sofre agora muito mais) deformações e ataques, ora tentando modificar sua imagem, ora tentando simplesmente anulá-la.

Qual seria o motivo disto? Antes vamos dar uma olhada na "imagem" do gaúcho durante este período.

Durante o governo de Júlio de Castilhos a figura do gaúcho, como hoje para muitos historiadores era considerado um retrocesso, uma volta ao passado.

Albeche (1996) faz duas constatações. Em resposta a um jornalista carioca, que havia escrito depreciativamente sobre o gaúcho, visto em viagem ao sul, em 1912, o Jornal *A Federação*, de orientação castilhista se desculpa asquerosamente à metrópole:

"(...) *A civilização condenou os costumes desse passado morto em nome da delicadeza das maneiras e elegância do porte, a grande lei do progresso repudiou as suas práticas como prejudiciais ao surto das indústrias, (...). Esta palavra (gaúcho) é, pois, a evocação justa de um passado que não deve reviver.*"

Ainda em 1912, o jornal *A Federação* ataca a publicação de Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*:

"(...) *contendo contos narrados à feição da gente do campo, num Rio Grande já remoto, sobre assuntos característicos dessa gente (...). (...) discordamos da opinião que a vulgarização de tal literatura tenha qualquer fim de utilidade real, quer quanto ao conhecimento dos costumes da época, quer quanto ao enriquecimento de nosso insignificante patrimônio intelectual. Este pelo contrário só terá a perder com o cultivo de uma linguagem rebarbativa, viciada, cheia de plebeísmo, por vezes mal sonantes e até inconvenientes (...).*"

O que temia o Poder? Seriam maus modos ou a autonomia deste povo?

Após um interregno, por volta dos anos 60 entramos na fase luso-brasileira apaixonada. Os historiadores riograndenses forçam a mão para inventar um gaúcho sem nenhuma influência platina. Como fazem isso varia de páginas e páginas cheias de volteios e retoques à mais simples idiotia (como por exemplo, buscar a performance equestre do riograndense de antigamente fora da origem do gaúcho). Começa aí o desejo apaixonado do riograndense ser mais parecido aos seus outros irmãos brasileiros. Querem separar definitivamente o gaúcho riograndense do *gaucho* platino. Claro que há muitas diferenças mas o principal é o motivo acima citado.

Passado mais algum tempo, por volta dos anos 80, surgem os *nouveaux* historiadores (como prefiro chamá-los). Para eles, o gaúcho é uma ficção inventada por Paixão Cortes e Barbosa Lessa (obstinados e verdadeiros pesquisadores) entre outros por volta de 1947 ou então (insistem) do *Parthenon Literário* por volta de 1870 (buscando a cada momento uma explicação mais remota do agauchamento do Rio Grande, menos a verdadeira).

Atacam o gaúcho e tudo que a ele possa se relacionar direta ou indiretamente, como revoluções, caudilhos, líderes, música, literatura, comportamento, etc. Para eles, o gaúcho é simples resultado de um sórdido sistema econômico e significa quando muito um símbolo da oligarquia rural. O gaúcho é no máximo um pobre diabo. Em seu mundo (dos *nouveaux* historiadores) não há lugar para o épico. Todos os homens em sua concepção (a raça humana?) são (ou devem ser, segundo sua ótica) débeis, pusilânimes, canalhas e mercenários.

Qual o motivo de tudo isso? Os *nouveaux* historiadores levantam a bandeira que a imagem do gaúcho é retrograda e conduzirá seguramente o Rio Grande ao atraso permanente. Mas não foi daqui o principal foco de revoluções modificadoras do país? Quem sabe aí está a chave. Talvez sem o saber os novos historiadores continuam (secretamente ou pior ainda, sem o saber!) sob a influência do positivismo do Dr. Júlio de Castilhos? Gostariam de parecer-se talvez mais a metrópole? Que metrópole? Estados Unidos? Europa? Rio de Janeiro, São Paulo?. Estes mesmos historiadores acreditam piamente na globalização. Ouvem sem pejo música caipira e pagode e alguns até gostariam de ser baianos.

Estranhamente o Japão tendo como modelo o *samurai* e os Estados Unidos aferrados aos seus *cowboys* e caçadores de pele não parecem ter sido influenciados para o atraso.

Na verdade um povo desprovido de características (como estamos ficando) é o ideal para sistemas impiedosos como o modelo econômico proposto atualmente para o terceiro mundo.

É esquecida a importância do Rio Grande quando sob influência gaúcha. Para o historiador uruguaio Assunção, por essa influencia gaúcha "*Rio Grande do Sur, marca un rumbo a una tierra que es casi un continente (...) y señala la ruta institucional y contitucional del Brasil moderno*". Quem lembra da luta pela República? E as lutas de 1893? 1923? 1930? Algumas com importância vital para o Brasil como a de 30. Os riograndenses que participaram (ou as engendraram) tinham influencia gaúcha? Netto, Gumercindo Saraiva, Honório Lemes tinham influência gaúcha? Vargas, talvez? A pergunta parece idiota. E estes homens existiram no tempo em que o Rio Grande opinava e tinha peso no Brasil. Alguém se lembra deste tempo? E hoje, temos muitos políticos riograndenses com influência da têmpera gaúcha. Tem sido melhor?

E que influência tinham no Uruguai e Argentina, Artigas, Ramírez, Estanislao López, Bustos, Güemes, Facundo e tantos outros?

A verdade é que essa influência gaúcha *fazia a diferença*.

5. MITOS DOS NOVOS PESQUISADORES

Sobre a literatura

O *nouveau* historiador é apavorado com o rude. E também é preconceituoso com o gaúcho/*gaucho* antigo. Denuncia a historiografia oficial como falseadora da imagem do gaúcho, no entanto, vendo sua face mais real, não quer estudá-lo. Repudia imediatamente. Apavora-se com sua brutalidade. Para Borges, "a maior virtude do *gaucho malo* é pertencer ao passado, pois podemos venerá-lo sem risco". Tal prazer no tempo do Castilhismo, não pode ter Alcides Maya na admiração de um modelo mais brando como seu Miguelito, longe do *gaucho malo* mas com a mesma ânsia de independência, em *Ruínas Vivas*. Sofreu perseguições políticas uma vez que seu modelo de gaúcho não se ajustava com o modelo ordeiro de *ordem e progresso* do Positivismo vigente.

Hoje Maya, também é atacado pelos novos pesquisadores que o consideram simplesmente um romântico e que teria dado a imagem do gaúcho um *status* de "Cavaleiro andante". Sinceramente eu penso que não devem ter lido ou se leram não compreenderam os personagens do conto *História Gaúcha* em Alma Bárbara do próprio Maya (Neste conto o personagem lembra mais um Lucian Lacombe dos pampas do que um cavaleiro andante). Execrado portanto, por ambos modelos de historiadores. Na verdade os historiadores e pesquisadores riograndenses buscam diuturnamente separar o gaúcho real do literário sem saber que estes planos em muitos casos se confundem e sobrepõe e principalmente penso que se existiu somente um personagem, talvez sem noção clara da lei, "*anulando o peso da norma jurídica em privilégio da ética, da ética como limite último (...), o indivíduo que sem pedir nada para si, se distingue e as vezes até se imola*" (Rocca, 2000) então nossa "consciência (nacional) servil" estará redimida.

Quem sabe aí está a chave. Talvez sem o saber os novos historiadores continuam (secretamente ou pior ainda, sem o saber!) sob a influência do positivismo do Dr. Júlio de Castilhos? Comte dá gargalhados no além túmulo, sua máxima continua viva:

- Os vivos continuarão sendo governados pelos mortos!

Estes pesquisadores, partindo para uma alucinação proporcionada pela Academia igualificadora (lêem só o que é ali indicado pois antes dela não sentiam provavelmente necessidade de ler) e sem pensamento, partem para uma alucinação, repito, onde tudo teria começado e engendrado pelo Parthenon Literário. Nesta viagem perdem o próprio sentido que tem o mito: "*Os mitos (...) não são invenções dramáticas ou líricas gratuitas, sem nexos com a organização social ou política, sem nexos com o ritual, com a lei ou com o costume; sua função é pelo contrário (...) expressar em grandes imagens as grandes idéias que organizam e sustentam tudo isto.*" (Dumézil, citado por Brunel, 1988).

Sobre o acriollamento de diversas etnias

Um dos mitos dos novos historiadores é criticarem o que chamam aculturação do colono (alemão ou italiano) pelo "gauchismo" (*acriollamento*). Não acham natural ou pensam que é forçada. Ora, Avé-Lallemant aponta o acriollamento de membros de colônia alemã desde 1858. Para Avé-Lallemant, esses alemães mostram no campo, traços de gaucharia, que se destaca no manejo do laço, condução da tropa e pelo modo de montar. Salienta que em S. Leopoldo, alemães aparecerem montados a cavalo, com elegantes ponchos listrados.

Hilda Flores fez um estudo completo dos alemães na Guerra dos Farrapos (tanto de um lado como de outro). É tempo razoável para gostar da cultura gaúcha. Hoje em qualquer prova de ginetear abundam descendentes de alemães (assim como pessoas de todo nosso caldeamento étnico).

Em *The Purple Land*, Hudson (1885) mostra o maravilhoso processo de *acriollamiento* de um jovem inglês (quem sabe ele mesmo?) em suas andanças no Pampa Uruguaio. Sobre os italianos então não é necessário acrescentar nada. Acho que é preciso conhecer a (e compreender) aquela letra do Larralde sobre o que é criollismo.

Já o negro (considerado um pária na cultura gaucha pelos modernos historiadores) é figura importante é respeitada na história do gaucho riograndense, argentino e uruguaio. Não vamos diminuir o dramático da escravidão no sul do Brasil e arredores, mas é má vontade não querer compreender que especificamente na lida campeira o denominador comum (como hoje) era a habilidade no montar a cavalo, no laço, na boleadeira. Na social (violentamente demais talvez), o uso das armas. Caso contrário, o negro não seria lembrado tantas vezes na literatura "gauchesca". Simões Lopes Neto com o seu Negro Bonifácio (1912); o negro do duelo de Martin Fierro; mais recentemente; o Tio Anastácio do poema de Jayme Caetano Braun. Hudson menciona o respeito por parte dos donos em uma fazenda no Uruguai a um velho negro que tinha sido excelente campeiro no passado. E o *Monumento a Pelea* em Montevideo no Uruguay? Nele há três gaúchos em combate. Um deles é um negro. Vamos recordar e ver também os "repórteres silenciosos" que são os pintores: no quadro, *O Assado* (1865), de Palliere, um gaúcho nitidamente negro toma mate tranqüilamente junto a outros quatro gaúchos brancos.

Reverbel identifica, analisa e conclui magnificamente: Não fosse o envolvimento de Adão Latorre no pavoroso episódio das degolas de Rio Negro e estaria na galeria dos caudilhos gaúchos, não como assassino, mas como herói. Entre as revoluções de 1893 e 1923 (já com 80 anos) o negro Latorre obteve respectivamente os postos de tenente-coronel e coronel. Para estes postos, além do respeito, diz Reverbel, eram necessárias credenciais principais de "bravura, tino guerreiro e voz de comando". São o que bastam para o gaúcho.

Sobre a utilização da imagem do gaúcho

Um mérito dos *nouveaux* historiadores é terem denunciado a utilização do gaúcho pelas oligarquias rurais. Sem dúvida isto é terrivelmente lamentável. Mas isso era inevitável. É claro que em uma região de origem gaúcha, todos terão a marca de sua influência e tentarão utilizar a seu modo (além disso, como temos visto, é difícil trabalhar com outro modelo de gaúcho devido principalmente ao desprezo que os historiadores ou pesquisadores em geral parecem ter pelo gaúcho e pelas correções e falsas adequações feitas à imagem no passado e pelos revisionistas, agora.).

Neste momento (aí o equívoco) o gaúcho como um todo (literário, musical, etc) é vendido como um veículo de comunicação e propaganda da extrema direita e oligarquia rural.

Ora, isto não é correto. Livros que denunciam as questões sociais da campanha existem há muito tempo. Quando foi escrito *Caminhos Do Sul* de Ivan Pedro de Martins? E a literatura de Cyro Martins em sua trilogia do Gaúcho À Pé? E o poeta Aureliano de Figueiredo Pinto (com seu *Presídio Municipal* por exemplo)? Desnecessário comentar que o lado de denúncia social desta literatura (também gauchesca) deve ser considerada.

Alguém dirá que não foram escritos por gaúchos. Certo mas todos foram escritos sob sua influência e afinal, *Os Sertões* também não foram escritos por nenhum sertanejo nordestino.

Formidável é a constatação do sério pesquisador Jorge Webber que identifica muito de *gaúcho* na origem da música engajada politicamente nos anos de ditadura da América Latina. Para Webber, "foi com José Hernández que a poesia gauchesca atingiu o seu ponto mais alto e marcou o segundo momento desse estilo: o compromisso com os movimentos sociais, com as classes oprimidas e exploradas do campo argentino daquele século. Publicado pela primeira vez em 1872, Martín Fierro denunciava as duras condições em que viviam os gaúchos, perseguidos pelos juízes e chefes de polícia, reduzidos a reles capangas dos poderosos locais nas épocas de eleição, submetidos a tratamentos brutais e condições de vida sub-humanas nos fortins militares e tantas outras humilhações, perseguições e rebaixamentos, durante os governos liberais de Mitre, Sarmiento e Avellaneda, por representarem a barbárie que precisava ser extirpada, qual câncer, para que uma Argentina civilizada pudesse nascer do solo adubado com sangue deles".

Este poema, Martin Fierro foi proibido na época da ditadura militar no Uruguai, lembram?

Se formos rever a maior parte de nossos payadores/cantores/trovadores de hoje, veremos que a revolta continua produzindo (com maior ou menor qualidade) poesias de descontentamento com os governos, levantando questões sociais, questionando a distribuição da terra entre outras questões. Quem conhece *Tropa Amarga* de Luis Menezes (quantos anos tem esta letra)? E *Prece*, do Jayme Caetano Braun? E *Meu Canto* de Adair de Freitas? Só como exemplo. Isto não é música de oligarquia. Não vejo atualmente, isto nas músicas de outras regiões do país. Então vemos que não apenas na literatura mas também na música *existe* o confronto do gaúcho com o sistema. Então o gaúcho tem sido um veículo de revolta, continuando assim seu papel por diferentes caminhos.

É preciso recordar que esta oscilação sobre a visão do gaúcho, de certa maneira acontece também na Argentina. De acordo com o momento do país os intelectuais variavam na interpretação do Martin Fierro de Hernández. Ora era um simples desertor; ora um revolucionário; ora um detestado símbolo de um nacionalismo ou mesmo do caudilho Perón. O livro perdia então o sentido inicial dado pelo autor para se tornar "variados" livros interpretados nas mentes de novos escritores, críticos literários, etc.

O mesmo escritor que escreveu:

*"Zumban las balas en la tarde última,
(...) Vencen los bárbaros, los gauchos vencen."*¹

Escreveu também sobre os gaúchos:

*"Dios les quedaba lejos. Profesaron La antigua fe del hierro y del coraje, Que no consiente súplicas ni gaje. Por esa fe murieron y mataron."*²

Para finalizar, o pior de tudo é ver historiadores sérios aceitarem também o revisionismo. Primeiro aos poucos. De leve. Não pensam mais. Apenas revisam apressadamente seus textos antigos.

Enfim, querem que nos pareçamos cada vez menos com nós mesmos!

¹ BORGES, Jorge Luís. Poema Conjeturai. IN: Poesias. Editorial KAPELUSZ. Buenos Aires. 1977.

² BORGES, Jorge Luís. El Gaucho. IN: Poesias. Editorial KAPELUSZ. Buenos Aires. 1977.

6. REVISÃO APRESSADA

Imediatamente após o surgimento dos *nouveaux* historiadores, assustados, supondo-se atrasados, historiadores comprometidos com a verdade histórica do gaúcho, vacilam. Por momentos, são empurrados com as "novidades". Querem desculpar o gaúcho. Passam a simplificar as coisas com afirmações como de que o gaúcho é apenas alguém que cria o gado em regime extensivo, trabalhando a cavalo. Assim exclui-se todas as outras formas de gaúcho anteriores ou paralelas. Parecem ter vergonha do gaúcho anterior à segunda metade do século passado. Reconsideram as antigas informações sobre a ética gaúcha. Não tem mais certeza do *modus vivendi* do gaúcho e sua relação com a guerra. Desta maneira, o que pode sobrar é uma imagem vazia ou apenas referida ao bem comportado empregado de fazenda. Outros ficam duvidosos com as expressões Centauro dos Pampas e Monarca das Coxilhas (ou não as compreendem bem) para estar de acordo com os *nouveaux*.

Vamos lembrar Hegel, quando afirma da importância para o homem, do relevo, do clima, da topografia e da vegetação circundante. O homem dos vales bem drenados teria um tipo de comportamento, os das ilhas outra maneira de ser, assim como do litoral. E ele menciona também o homem da planície, que de maneira nenhuma pode ser semelhante aos anteriores. Basta procurar onde existe a planície no mundo e verificar que tipo lá se desenvolveu. Sarmiento em 1845, avaliando o livro *A Pradaria* (1828) de Fenimore Cooper chega a quase a mesma opinião que Hegel por outras vias. O comportamento, os artifícios técnicos e expedientes para sobrevivência do homem da planície de Cooper lembram muito os do homem da planície sul Americana.

O tártaro é um exemplo. Onde existe planície lá está o cavalo. O cavalo foi introduzido no Prata em 1536. A primeira utilização do cavalo na América foi para a guerra e conseqüentemente para o transporte. Primeiro guerreiros, depois pastores. Quase cem anos depois (1634) o gado é introduzido no Rio Grande do Sul via missões jesuíticas. Mas por aqui já andavam homens à cavalo.

Ora, considerando o passado, Hontang informa que na época da segunda fundação de Buenos Aires em 1580, os cavalos abandonados por Pedro de Mendoza se multiplicaram aos milhares. Por volta de 1600 não podem ser mais contados em suas gigantescas manadas. Os Pampas até a Patagônia estavam povoados de cavalos chimarrões (cimarrones) e o povo que aí vivia tinha se tornado *um povo cavaleiro*. Os cavalos eram praticamente sem valor monetário e qualquer gaúcho podia ter 6 cavalos em média. O valor de cada cavalo era em média 2 dólares. Então a formação do gaúcho vem primariamente da existência do Pampa e dos cavalos livres e não da fazenda. A estância sim, é uma conseqüência da existência de pessoal qualificado para o domínio da rês bravia (por sua vez também abundantemente livre e sem dono, *cimarrona* também). Sobre esta região, uma pequena publicação de 1773 informa:

"Tenemos, pues que de la abundancia de los ganados resulta la multitud de holgazanes, a quien com tanta propiedad llaman gauderios."

As estâncias domam o domador. Fixam-no. Transformam seus hábitos. E hoje, sem dúvida, contribuem para a continuidade de muitas tradições importantes, de centenas de anos.

Já mais recentemente (1822) e aqui no Rio Grande, o pesquisador francês Saint-Hilaire afirma que era quase impossível encontrar alguém na província do Rio Grande do Sul que não utilizasse cavalo, e não está se referindo somente a empregados rurais de estâncias. *"Os habitantes passam a vida, por assim dizer, a cavalo, e freqüentemente locomovem-se a grandes distâncias com rapidez suposta além das possibilidades humanas."* Esta afirmação é de 180 anos atrás. Este dado é muito importante. Saint-Hilaire também fala no acriollamento dos filhos dos portugueses, para desespero dos pais. Saint-Hilaire também informa que mesmo em áreas com lagos muito piscosos, os peixes *"são desprezados pelos habitantes da região, acostumados a comer carne"*. Outra informação interessante sobre tropas estacionadas na capitania e de uma legião de paulistas: *"Os soldados da região acostumaram-se facilmente a tal regime (assado), que, na verdade, pouco difere de seu modo habitual de vida; não obstante surgiram doenças devido ao excesso de alimentação carnívora, principalmente entre os paulistas, mais habituados ao feijão e farinha, do que à carne"*.

O francês Arsène Isabelle dá este testemunho em visita ao interior riograndense no início do século passado: *"Fomos a pé até a povoação (São Borja), ainda que o calor estivesse excessivo. Os habitantes (...) acostumados a não darem um passo à pé, nos olharam muito admirados."* Causava espanto verem pessoas desmontadas. Saint-Hilaire (1822) diz quase o mesmo. O pesquisador perdeu-se no Rio Grande e foi bem recebido em uma casa, mas com admiração por estar à pé *"pois nesta região, mesmo pobres, inclusive os escravos, não dão um passo sem ser a cavalo."*

O próprio dúbio Conde d'Eu afirma que para o riograndense (é interessante notar que ele confunde os termos gaúcho e riograndense já em 1858) era depreciada a pessoa que não sabia montar. Mais um ponto para um orgulho pessoal do gaúcho (e riograndense) de antigamente. Já naquela época esta pessoa era considerada (vejam bem, 1858) "baiana". Há sutilezas nas leituras de relatos antigos que devem ser percebidas.

Para Diogo de Souza, comandante das armas da Capitania do Rio Grande entre 1809 a 1814, em carta as autoridades militares da coroa que explica o motivo de sugerir a cavalaria artilhada: *"é indispensável afastar a idéia do serviço a pé. Acostumados a andarem desde criança a cavalo, (...) tem grande desprezo em serem alistados na infantaria e na artilharia a pé; quando aliás se, se prestam voluntariamente para assentar praça nos regimentos de cavalaria, nos quais, ao contrário do que acontece naqueles, são raras as deserções."*

E os revisionistas já estão achando que a guerra e revoluções não faziam parte do *modus vivendi* do homem rural riograndense de antigamente. Já acham que o gaúcho não possuía um (talvez rudimentar) código de ética. Os revisionistas neste andar logo logo estarão achando que o nosso campeiro é igual ao de outras partes do Brasil só mudando a vestimenta.

Sobre o hábito da guerra vale a pena completar a questão com esta observação de Saint-Hilaire: *"Em geral, os homens daqui são extremamente corajosos (...). Estão sempre dispostos às mais árduas lutas, mas é difícil sujeitá-los a uma disciplina regular"*. *"Nunca desertam"*, diz Saint-Hilaire, *"pela cobardia, mas o fazem freqüentemente quando os deixam inativos e então retornam aos lares. É de notar claramente a referência ao caráter indômito e não servil destes homens"*.

Agora, com relação as expressões Centauro e Monarca. Ora, *Centauro* foi um epíteto dado, nos parece, por Dumas baseado nos documentos de Garibaldi, portanto demonstra a opinião de um estrangeiro que aqui viveu e comparou o gaúcho com outros tipos eqüestres de outras partes do mundo. Quando Garibaldi diz: "*A ala direita obedecia ao general Netto e a direita a Canabarro. Assim as duas alas eram compostas unicamente pela cavalaria e, indiscutivelmente, pela melhor cavalaria do mundo*" (sobre a batalha de Taquari) manifesta uma opinião pessoal e não fabricada por historiadores ou romancistas riograndenses.

Já *Monarca das Coxilhas*, é sem dúvida uma expressão popular anterior à Revolução Farroupilha. Se bem lido (e quem o leu cuidadosamente?) o livro *O Corsário* (1847), verifica-se que a expressão não foi inventada por Caldre e Fião como todo pesquisador, de boa fé ou não, pensa. Ela aparece no livro de forma natural, não precedida ou acompanhada de definição. Como todas as palavras de origem gaúcha no texto, aparece grifada. O termo se refere provavelmente a uma nova transição do gaúcho antigo e deve ser considerado como uma expressão de manifestação popular a respeito de um tipo (o gaúcho) que passa a empolgar e influenciar as populações rurais e periféricas no Rio Grande. Talvez indique (todo o livro indica) o primeiro (ou melhor dizendo, o segundo, pois Saint-Hilaire já havia registrado este fato) registro literário da atração que o acriollamento produzia nestas populações rurais, principalmente entre os jovens filhos dos povoadores do Continente. *O Corsário* decididamente não é um romance gaúcho na acepção da palavra (na verdade Caldre e Fião faz severas restrições a Revolução Farroupilha). Portanto, quando este elemento (o gaúcho) aparece, ou sua semelhança na vestimenta ou modo de falar, em alguns personagens, este é um fator revelador do comportamental de uma época, local e momento histórico.

Dante de Moraes (1959) lembra muito bem que "*a poesia popular se antecipou de muito à cultura afetada, no que se refere aos cantos da monarquia*". Ali, no dizer de Augusto Mayer, "*o individualismo, o sentimento insofrido de liberdade, o gosto da aventura, a exaltação da coragem pessoal transbordam de cada quadra com vigor inimitável, e a seu lado empalidecem as imitações ou variações do mesmo tema tentadas Por Apolinário Porto Alegre, Múcio Teixeira, Taveira Júnior, Assis Brasil, Zeferino Vieira Rodrigues*".

Pelo que foi dito não se pode supor que Caldre e Fião ou outro romancista qualquer tenha cunhado este termo.

Para finalizar, é preciso voltar a Jorge Luís Borges mais uma vez, que oscila entre a crítica e o fascínio pela imagem do gaúcho (e compreender sua simplicidade), quando confessa finalmente: "*...assim como os homens de outras nações veneram e pressentem o mar, assim nós desejamos a planície interminável que ressoa sob os cascos.*"

7. PASSADO RECUPERADO: A *DIVINA PASTORA*

Sempre discutido, e ampliando o tema abordado em comunidades gaúchas, é o interesse que os filhos do Continente, os riograndenses como um todo podiam ter pela cultura gaúcha. Ou seja, em que momento passa a acontecer esta atração e posterior *acriollamento* destes.

Parece que é esquecido que esta atração é imediata, pelo menos por parte do filho do colonizador, no momento em que toma contato com a possibilidade de se agauchar. Isto já está documentado por Saint-Hilaire em 1822.

Muitos pesquisadores riograndenses modernos teimam em apontar absurdamente os movimentos de 1947 ou mais remotamente no Parthenon Literário por volta de 1870.

Cezimbra Jacques, é correto, em 1883 afirma:

"Tal era o gaúcho das épocas precedentes, mas hoje o sentido da palavra se estende a todo habitante das campinas é tomada como sinônimo de cavalheiro; portanto, dizer que um homem dos pampas é um verdadeiro gaúcho importa dizer que é um perfeito cavalheiro."

Interessante são as notas de José de Alencar para o primeiro e segundo livro de *O Gaúcho* publicado em 1870. Note-se que Alencar está distante do Parthenon Literário e 13 anos antes de Cezimbra Jacques observa em suas notas de pesquisa:

"O habitante da campanha do Sul não se deslustra por ser peão, que ele tem em conta de uma profissão nobre; mas honra-se de ser gaúcho, de pertencer a uma casta independente, distinta e mais viril que as dos filhos da cidade, enervados pela civilização."

Bem semelhante a opinião de Darwin ao encontrar gaúchos no Prata. Mas mais eloqüente se torna Alencar quando, complementando a frase acima, nos informa sobre o processo de agauchamento:

"Por isso muitos estancieiros ricos fazem timbres de ser gaúchos: adjetivaram o termo para designar os traços característicos da casta (...)."

Entretanto, a mais antiga e formidável informação encontra-se no romance recuperado *A Divina Pastora*, de Caldre e Fião recuperado 145 anos depois pela Rede Brasil Sul de Comunicação. A publicação original é de 1847 (a Revolução Farroupilha tinha acabado fazia dois anos apenas!). Estas informações são portanto de quase um quarto de século antes do Parthenon Literário e nada menos que 36 anos antes da publicação de Cezimbra Jacques (que já possui 117 anos) e portanto corroborando com ambas. Com o reaparecimento deste livro um século e meio depois (!) muitas teorias ou ilações podem e devem ser agora reavaliadas pois seu texto era desconhecido

Vamos ao texto. Neste livro, *A Divina Pastora* (edição RBS, 1992) encontram-se já menções aos elementos *tradição* e *orgulho* no uso de roupas à *gaúcha*. Um dos personagens é criticado por trocá-las por roupas da cidade.

Acredito ser esta informação a mais importante do livro além da menção ao cavalheirismo também notada 36 anos depois, por Cezimbra Jacques como vimos acima.

Mas o livro é eivado de informações casuais sobre o comportamento do gaúcho (ou melhor do riograndense em processo de agauchamento), as quais se supunham apenas criação literária posterior.

O livro (quem o leu com calma, observou) não pretende ser regionalista. Na verdade Caldre e Fião não simpatizava nem um pouco com a Revolução Farroupilha. Caldre e Fião adora o Império e principalmente, ser brasileiro. O escritor, isso é muito importante, não está ligado a nenhum "mito fundador da cultura gaúcha" que parece este sim fazer parte do *imaginário* de muitos historiadores. Seu livro tem um cunho moral, Caldre e Fião é um erudito e com relativo conhecimento e gosto pela ciência biológica. Nada que possa indicar que vá querer *engendrar* como um conto borgeano (como logo suporão nossos historiadores auto promotores), um modelo de gaúcho que seria admirado no futuro. Além do romance a estilo de Hawthorne, o que narra é o que pode ver alguém que estava lá há um século e meio atrás.

8. CONCLUSÃO

Nesta época de globalização, é incômodo o peso do gaúcho. Na origem ele é um rebelde. No início, os gaúchos arredios à lei, ocasionando um enfrentamento de grupos sociais, as lutas na fronteira agreste e seus reflexos. A idéia da implantação da República. O federalismo. A Revolução Federalista. Quantas vezes a ameaça a fragmentação da União veio do Rio Grande do Sul? ("*Aquele corpo estranho ao Brasil, habitado por almas semi-bárbaras egressas do regime pastoril*"). Então ele precisava ser eliminado.

Isso acontece de várias maneiras no Brasil. Morto pela historiografia oficial no período de Júlio de Castilhos. E naquele momento, a consequência foi fazer que um povo combativo fosse conduzido a *ordem e progresso*. Talvez começando aí a acabar (ou tentar acabar) com sua rebeldia natural. Em seqüência foi readaptado pela historiografia oficial como somente o "bom campeiro" (nos referimos a imagem desejada, nada contra o campeiro que na verdade hoje é o mantenedor de nossas tradições), brasileiro e não rebelde (O brasileiro tem a "consciência servil" como diz o historiador Décio Freitas. Não a tínhamos, nós riograndenses, mas querem que a tenhamos, como no resto do Brasil.), ato continuo passa sob efeito dos *nouveaux* historiadores que o consideram um pária sem qualidade e finalmente passam pelo revisionismo de historiadores que agora o considera apenas "um empregado de fazenda", não um povo, e assim o fazendo, ratificam o determinado pelo Castilhismo.

Esta ótica, como a do período castilhista, é extremamente maniqueísta e esquece ou malversa critérios metodológicos. É totalmente parcial pois é feita com a idéia de terra arrasada ou pré concebidas. De Quincey diz que a história é uma disciplina infinita, ou pelo menos indefinida, uma vez que os mesmos fatos podem combinar-se ou interpretar-se de vários modos.

Estes pesquisadores querem que todos nos pareçamos com a imagem vendida do resto do Brasil: Macunaímas em busca da riqueza fácil. Interessante que a "historiografia oficial" também quer o mesmo. Querem que gostemos de música caipira (da atual, pasteurizada). De música baiana de qualidade discutível. De pagode! Daí a sonharem com a *entrega à globalização* é um passo. São os maiores apologistas da *globalização redentora*. Quem diria que já apresentam rodeios no Rio Grande com animadores paulistas vestidos de *cowboy*? Quem quer destruir nossa história e cultura está levando vantagem até agora.

Estes historiadores, ao contrário do que normalmente ocorre em outros países, não querem que preservemos nossa história, música, habilidades na doma e laço herdados dos antigos gaúchos e conservados por pesquisadores que não medem limites para buscar mais informações, payadores, músicos e campeiros atuais. Camperiadas são consideradas propaganda da oligarquia rural; poucos programas musicais em meio à enxurrada de lixo que vem do norte são considerados *massificação*.

Na Mongólia, festas anuais com crianças em longas cavalgadas reforçam suas certezas sobre suas origens. O mesmo acontece na região dos Buskashi. Aqui, os pesquisadores não consideram que expressam seu modo urbano de ver. Buenos Aires despreza o gaúcho, enquanto quase todas as outras regiões argentinas o cultuam em encontros como as payadas. Acontece o mesmo com a região metropolitana do Rio Grande do Sul, em contraposição ao interior.

No interior, peões e populares compreendem Jayme Caetano Braun ou Nelson Cardoso, entre muitos outros. Consideram-os "tecnicamente" (do ponto de vista da lida campeira) corretos. Há que considerar então outra platéia no Rio Grande, diferente da massificada por Rio e São Paulo.

Bem, pessoalmente acredito que os riograndenses (do interior principalmente) adotamos (estamos envolvidos melhor dizendo nessa coisa que se espalha no linguajar cotidiano de todos nós e no comportamental) a estética do gaúcho não devido à qualquer forma de propaganda. Fundamentalmente somos um pouco o Dahalmann de Borges (conto *O Sul* no livro *Ficções*). Dahalmann tinha até a maturidade pouca afinidade física com a campanha, com o Pampa. Mas gostava naturalmente daquilo. Sabia que boa parte de sua origem não era dali, mas havia algo gaúcho em uma pequena parte de seus antepassados. Talvez ele não soubesse manejar adequadamente a faca em algum combate, mas tinha uma ligação afetiva com a campanha. E isso valia mais do que todo o resto de sua cultura.

A igualdade entre os homens não exige padronização. Quem não se reconhece em suas diferenças, não respeita o outro igual, também no direito a diferença.

Vamos terminar com o mestre Simões Lopes Neto, lembrando que sem uma identidade própria corremos o risco de nos tornarmos como aquelas pessoas observadas pelo velho vaqueano Blau Nunes:

- "*Muita gente anda no mundo sem saber para quê.
Vivem porque vêem os outros viverem.*"

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALBECHE, Daysi Lange. Imagens do Gaúcho, história e mitificação. Coleção História, no. 13. EDIPUCRS. Porto Alegre. 1996.
- ALENCAR, José de. Notas ao Livro primeiro e segundo. IN: O Gaúcho. Série Bom Livro. Editora Ática. 1998.
- AMARAL, Anselmo F. As Origens do Gaúcho na Temática de Martin Fierro. Martins Livreiro Editor. Porto Alegre. 1988.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858). São Paulo. E. Universidade de São Paulo, 1980.
- ASSUNÇÃO, Fernando. O. El Gaucho, su espacio y su tiempo. Bolsilivros Arca. Montevideo. 1969.
- AZAMBUJA, Darcy. Andarengo IN: No Galpão. Coleção Província. Editora Globo. Porto Alegre. 1960.
- BELO, Oliveira. Os Farrapos. Fundação Universidade do Rio Grande/Editora Movimento. Rio Grande. 1985.
- BORGES, Jorge Luís. A Outra Morte. IN: O Aleph. Editora Globo. Porto Alegre. 1970.
- BORGES, Jorge Luís. O Morto. IN: O Aleph. Editora Globo. Porto Alegre. 1970.
- BORGES, Jorge Luís. O Sul. IN: Ficções. Editora Globo. Porto Alegre. 1970.
- BORGES, Jorge Luís. Poema Conjetural. IN: Poesías. Editorial KAPELUSZ. Buenos Aires. 1977.
- BORGES, Jorge Luís. El Gaucho. IN: Poesías. Editorial KAPELUSZ. Buenos Aires. 1977.
- BRAUN, Jayme Caetano. Brasil Grande do Sul, Payadas de Campo e Céu. Editôra Sulina. 2ª edição. Porto Alegre. 1986.
- BRUNEL, P. Dicionário de Mitos. Editora UNB/José Olympio Editora. Brasília. 1998.
- CALDRE E FIÃO, João Antônio do Vale. O Corsário. Editora Movimento, sexta edição. Porto Alegre. 1985.
- CALDRE e FIÃO, João Antônio do Vale. Divina Pastora. RBS e LPM. Porto Alegre. 1992.
- CEEE. História Ilustrada do Rio Grande do Sul. Já Editores. Porto Alegre. 1998.
- CEZIMBRA JACQUES, João. Costumes do Rio Grande do Sul. Martins Livreiro. Porto Alegre. 1997.
- CHISPAZO DE TRADICIÓN. (Darío David Puccio). Acessado 05 de setembro de 2000. Disponível na Internet: <http://www.chispazodetradicion.com.ar>
- CONDE D'EU. Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (agosto-Setembro 1865). Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1936.
- DANTE DE MORAES, Carlos. Figuras e Ciclos da História Rio-grandense. Coleção Província. Editora Globo. Porto Alegre. 1959.
- DARWIN, CHARLES. Viagem de um naturalista ao redor do Mundo. Cia. Brasileira editora.
- DREYS, Nicolau. Notícia Descritiva da Província de Rio Grande de São Pedro do Sul. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1980.
- DUMAS, Alexandre. Memórias de Garibaldi. L&PM Editores S/A. Porto Alegre. 1998.
- FAGUNDES, Antônio Augusto. Indumentária Gaúcha. Martins Livreiro Editor. 7ª edição. Porto Alegre. 1996.
- FAGUNDES, Antônio Augusto. E o Gaúcho? Morreu? IN: Debates/Página do Gaúcho/Internet.
- FAGUNDES, Antônio Augusto. Rodeio Country, Não! Jornal Zero Hora. Segundo Caderno. Porto Alegre. 1999.

FLORES, Hilda Agnes. Alemães na Guerra dos Farrapos. Coleção História. EDIPUCRS. Porto Alegre. 1995.

FLORES, Moacir. História do Rio Grande do Sul. Nova Dimensão. Porto Alegre. 1ª edição. 1988.

FREITAS, Décio. O mito fundador. IN: jornal Zero Hora. Domingo, 17 de setembro de 2000. Porto Alegre.

GONÇALVES, Raul Annes. Mala de Garupa (costumes campeiros). Martins Livreiro Editor. Porto Alegre. 1984.

GUIRALDES, Ricardo. Don Segundo Sombra. Coleção Latino-América. Ed. Francisco Alves. 1981.

HERNÁNDEZ, José. Martín Fierro. Buenos Aires, Carballeira Garrido, 1972

HONTAG, Maurice. A Psicologia do Cavalo-1, inteligência e aptidões. Publicações Globo Rural. 2ª edição. 1988. São Paulo.

HUDSON, Willian Henry. The Purple Land that England Lost. Montevideo. 1885.

ISABELLE, Arsène. Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul. Editora Zélio Valverde. Rio de Janeiro. 1949.

LESSA, Barbosa. Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo. Editora Globo. 1984.

LOPES NETO, João Simões. Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Editora Globo. Porto Alegre. 1969.

MARTINS, Cyro. Sem Rumo. Editora Globo.

MAYA, Alcides. Alma Bárbara. Movimento. Porto Alegre. 1992.

MAYA, Alcides. Ruínas Vivas. Libreria Chardon. Porto Alegre. 1910.

PINTO, Aureliano de Figueiredo. Presidio Municipal. IN: Romances de Estância e Querência. Porto Alegre. 1960.

PINTO, Aureliano de Figueiredo. Memórias do Coronel Falcão. Porto Alegre.

REPÚN, Graciela. Los Cantos del Payador. Antologia de Poesia Gauchesca. Clásicos de Bolsillo. Longseller. Buenos Aires. 1999.

REVERBEL, Carlos. O Gaúcho. L&PM Pocket. Porto Alegre. 1997.

REVERBEL, Carlos. Maragatos & Pica-Paus. L&PM Pocket. Porto Alegre. 1985.

ROCLA, Paulo. Borges y Ia Frontera. Palestra. Seminário Internacional Jorge Luís Borges. 13. 05 a 24. 06. Teatro Renascença. Porto Alegre. 2000.

RODRIGUEZ MOLAS, Ricardo E. História Social del Gaucho/1. Biblioteca Básica Argentina. Centro Editor de América Latina S. A. Buenos Aires. 1994.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do Sul. Martins Livreiro Editor. Porto Alegre. 1987.

SARMIENTO, Domingo Faustino. Facundo - Civilización y Barbarie. 2ª ed. Buenos Aires, Colihue,. Col. Literaria LYC. 1983

SCHWEIDSON, Jacques. Judeus de bombachas e chimarrão. José Olympio Editora. Rio de Janeiro. 1985.

SEPP, Padre Antônio. Viagem às Missões jesuíticas e Trabalhos Apostólicos. Livreria Martins Editora. São Paulo. 1972.

TABOADA, G. Gauchos, antologia reunida. Editorial TEA.

WHITMAN, Walt. Folhas da Relva. Editorial Juárez. Buenos Aires. 1969.

WEBBER, Jorge Frederico Duarte. Raízes da Canção Engajada, Argentina dos Anos 60 e 70. Tese de Mestrado. UNB. Brasília 1997.

ZATTERA, V S. Gaúcho - Vestuário Tradicional e Costumes.

ZUN FELDE, Alfredo. Evolución Historica del Uruguay. 1945.